

Artigo / Article

"Entre Cartas...": uma abordagem de escrita e leitura em tempos digitais

"Entre Cartas...": an approach to writing and reading in digital times

Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo 

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

edilainetoledo@cefetmg.br

<https://orcid.org/0000-0003-4188-9355>

Recebido em: 31/05/2024 | Aprovado em: 20/11/2024

Resumo

Este artigo é um cotejo de parte das ações resultantes de projeto de extensão desenvolvido por uma escola pública federal em parceria com uma escola estadual de sua comunidade externa. As atividades foram executadas durante e pós pandemia, nas possibilidades de adaptações para um ensino em formato remoto e híbrido, cujo principal objetivo foi ampliar a fluência da escrita e leitura de jovens estudantes de Ensino Médio. A partir de referenciais teóricos em Andrade (2010), Barton e Lee (2015), Coscarelli (2016), Tolentino (2018), Compagnon (2019), Pereira (2021) e Garcia Rodrigues (2024), a estratégia metodológica deu-se por meio de revisão bibliográfica e pesquisa exploratória a fim de observar e analisar como a prática da escrita, aliada ao estudo do gênero carta, pode viabilizar ao produtor do texto maior interação e construção de sentido. Como resultado, observou-se que, em tempos digitais e na fluidez das informações, a correspondência apresentou-se como instrumento mediador potente para formação leitora, prática de escrita e ampliação dos letramentos dos estudantes.

Palavras-chave: Carta • Leitura • Produção Textual • Contemporaneidade • Digitalidades

Abstract

This article is part of resulting actions extension project's developed by public federal school, together with public school of external community. The activities were executed during and after the pandemic, in in the possibilities of adaptations for teaching in remote and hybrid format, with main objectives was

to increase the writing and reading fluency of young high school students. From theoretical references in Andrade (2010), Barton e Lee (2015), Coscarelli (2016), Tolentino (2018), Compagnon (2019), Pereira (2021) and Garcia Rodrigues (2024), the methodological strategy was by means of bibliographic review and exploratory research in order to observe and analyze as the practice of writing, combined with the study of the letter genre, can enable the text producer greater interaction and construction of meaning. As a result, was observed that, in digital times and in the fluidity of information, correspondence appeared as a powerful mediating instrument for reading training, writing practice and expanding students' literacy.

Keywords: Letter • Reading • Text Production • Contemporary • Digitalities

Considerações iniciais

Este artigo apresenta uma amostragem reflexiva de duas ações do projeto de extensão “*Entre Cartas... Com sua Comunidade*” – da Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário - DEDC, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, unidade Varginha, entre 2020-2023, junto aos seus estudantes e também junto a escola parceira do projeto – E.E. Pedro de Alcântara - com o intuito de optar pela correspondência em contexto digital durante a pandemia, e depois em atividades presenciais no pós-pandemia, com atividades de escrita e leitura. A intenção era de aproximar os jovens dos conteúdos atemporais que muitas cartas apresentam, como motivação para uma leitura além de gênero textual, e de ações de escrita em correspondência, além de fomentar a leitura literária no contexto escolar.

Neste momento em que o processo de escrita e leitura concentra-se mais em telas virtuais do que em papel, por que realizar uma atividade, cuja motivação se dá por meio das cartas, com estudantes de nível médio, em tempos em que a tecnologia é parte integral da vida deles? O viés pretendido foi trabalhar a correspondência enquanto corpus significativo de interação comunicativa e discursiva (Andrade, 2010), bem como explorar seus aspectos históricos, literários, aprofundando, comparativamente, reflexões socioculturais entre o universo das missivas escolhidas e da realidade dos discentes, como Garcia Rodrigues (2024, p. 16) ao apontar-nos que cartas unem pessoas; e se antes eram utilizadas como principal meio de comunicação e interação, hoje são consideradas “[...] documento, testemunho”.

A leitura e a escrita, habilidades importantes na formação e consolidação acadêmica dessa geração digital é desafio pungente no dia a dia escolar. Em situações de excepcionalidade, como foi durante a pandemia, essas questões ampliaram-se e tiveram de ser adaptadas aos aparatos e cenários digitais. Dessa forma, a necessidade de os alunos estarem aptos a ter produção escrita e formação leitora competentes, inclusive no meio digital, exigiu de todos os envolvidos novas maneiras de se trabalhar tais aspectos, colocando em pauta, novamente, velhos desafios a serem enfrentados e superados, agora em contextos digitais.

O hábito histórico e tradicional de escrever cartas, com o advento das tecnologias, perdeu-se em meio a tantas formas rápidas e compactas de estar junto e fazer-se presente na contemporaneidade, já que tudo hoje é mais instantâneo e, em poucos cliques, resolve-se muito. Além disso, o mecanismo da escrita à mão, uma habilidade psicomotora que, desde a infância, é construída e aprimorada, perde seu espaço gradativamente, sendo substituída pelas digitações ágeis em teclados de smartphones e notebooks, mesclando as formas de registro, pertencimento e desenvolvimento de habilidades que se consolidam no Ensino Médio.

Tolentino (2018) já afirmava que uma educação participativa, na qual estudantes são protagonistas de suas práticas por meio de suas percepções e vivências, denota em bons resultados de usos sociais e significativos da escrita, como por meio de cartas, em um estímulo à escrita em sala, com proximidade e significado à realidade de estudantes. Em reflexão semelhante, Andrade (2010) reforça que:

[n]esse contexto, alguns gêneros textuais discursivos são considerados essenciais para atender à realidade social e linguística do aluno, aprendiz de escrita. Dentre esses gêneros, pode-se citar a carta, pois sua produção atende ao que hoje se pretende seguir na escola: trabalhar a escrita, observando de um lado a relação oral e escrita, num continuum de proximidade e distância entre os participantes, e de outro, a necessidade de que a prática da escrita esteja voltada para situar o aluno como cidadão consciente do uso social de sua língua materna (Andrade, 2010, p. 112).

A diversidade de estratégias pedagógicas em torno do gênero textual carta, potencializadas nos últimos tempos, possibilitam interações entre jovens, tanto no âmbito da escrita, quanto da leitura, aprofundando-lhes o desenvolvimento das percepções sobre si como cidadãos e fortalecendo-os em seus valores pessoais e sociocognitivos, que se expandem na realidade escolar em que se encontram (BNCC, 2018).

Seja em atividades descontraídas de apresentação pessoal na sala de aula, em troca de cartas com outros estudantes, seja na leitura de trechos de cartas de figuras públicas e históricas conhecidas, ou até escrevendo para si mesmos, nas conhecidas ações de “cápsulas do tempo”, o engajamento dos discentes nas tarefas de escrita revelam que estas têm sido mais motivadoras, com maior sentido em relação à competência escritora que a escola, por tradição, desenvolve desde sempre. E, apesar de mensagens de textos, e-mails e computadores serem parte de nossa cultura atual, sendo uma espécie de remodelagem das conhecidas missivas, ter uma boa habilidade de escrita também é requisito importante não só na escola, mas também em situações de vestibulares e mercado de trabalho.

Conforme Galvão e Gotlib (2000), Rodrigues (2017) e Usher (2017), sabe-se que em inúmeros momentos marcantes, no Brasil ou no mundo, o gênero carta registrou fatos históricos, romances inesquecíveis, decisões importantes ou desejos impopulares: revelou personalidades ao longo da história, enunciou ideias, comportamentos e filosofias; construiu e apresentou, dialogicamente, trajetórias de muitas sociedades, sempre por meio do papel. Com a ascensão e consolidação das mídias na propagação da informação, sobretudo as digitais, por meio da internet, as formas de interação e registro tornaram-se mais rápidas. Assim, é fato que

escrever cartas no papel não acompanha a instantaneidade das interações contemporâneas. No entanto, a celeridade das digitações nos aparatos eletrônicos não é suficiente para ocupar o espaço que as correspondências sempre empreenderam: vínculo, pertencimento e materialidade de interlocuções, que a liquidez da vida on-line, até então, não suprem.

No que se refere à leitura, a tela passa a ser o papel de outrora e delineia uma nova forma de contato com a fonte a ser lida, linear ou não, e que pode ser não só o livro, mas também qualquer conteúdo do smartphone à palma das mãos. No que se refere à escrita, o mesmo smartphone passa a ser o rascunho mais próximo do registro das ideias, com os dedos na função de lápis ou caneta, denotando um novo jeito de representação e forma de escrever, seja de modo individual ou colaborativa nos suportes digitais. Essa realidade, que parece dificultar o ler e o escrever contemporâneo, são o cenário ideal em que as correspondências e toda a dinâmica interlocutória que as envolve mantêm atuais: nota-se um aumento de estudos epistolares, divulgação de coletâneas de cartas de autores consagrados, assim como muitas iniciativas envolvendo a troca de correspondências entre diversos públicos, com objetivos diversos.

Nessa perspectiva, é possível ajustar e dinamizar o modo analógico e o digital às formas de consumo e comportamentos que engendraram as novas formas de desenvolver escrita e leitura nas sociedades contemporâneas, sobretudo com os jovens. Nesse recorte do projeto "Entre Cartas...Com Sua Comunidade", a carta como documento histórico e registro de vida cotidiana e amizade entre autores literários foi, junto a aplicativos de mensagens e escrita online, ponto motivador para ações de leitura e escrita enquanto a pandemia se estabeleceu.

Após o retorno à vida presencial, continuou como atividade do componente curricular e em ações de projeto de extensão, gerando mais possibilidades não só de atos de ler e escrever, mas de práticas funcionais e significativas que denotam vínculos e pertencimentos por meio da escrita colaborativa e de rodas de leitura com e por meio de correspondências. Nesse contexto, o gênero textual carta, em face de seu teor tradicional e ao mesmo tempo versátil à adaptabilidade aos cenários digitais, além de potente corpus multidisciplinar, apresentou-se como uma estratégia produtiva para ampliar a prática da escrita e o gosto pela leitura no segmento da Educação Básica, confirmando a relevância dos discursos e materialidades epistolares.

1 Uma possibilidade metodológica com cartões, cartas e e-mail

O cenário de tecnicidades (Martín Barbero, 2001) e sociedades em redes (Castells, 2012) altera o modo de lidar e conviver com o processamento da informação e produção do conhecimento. Como consequência, isso modificará o jeito de ser e agir em sociedade, alterando o perfil de seus cidadãos e a forma como se posicionam nela, visto que os modos da vida comum e diária emergirão das tensões hegemônicas ou contra hegemônicas, por meio das atitudes deles, ao demarcarem, assim, uma nova prática de agir em sociedade.

LINHA D'ÁGUA

Sem as aulas presenciais, suspensas desde março de 2020 pela pandemia da Covid-19, e com retorno normal das atividades no final de 2021, a realidade de muitas escolas no Brasil e no mundo foi adaptada e reinventada: as interações on-line nos ambientes virtuais de aprendizagem formais, por correio eletrônico e aplicativos de smartphones intensificaram-se, já que o registro escrito precisava acontecer de alguma forma e em algum lugar. As ações partiram, portanto, do elemento precursor do gênero epistolar, mais comum e conhecido, porém nem tão utilizado pelos jovens estudantes: o correio eletrônico, mais comumente chamado de e-mail, o qual surgiu como uma ferramenta fundamental para a expansão da internet, logo no final da década de 1960 e início dos anos 70.

Sabe-se que os gêneros textuais se ajustam conforme seus usos sociais, visto que à medida que um determinado gênero deixa de circular e ser produzido, outro possivelmente entra em funcionamento por meio de seus interlocutores-produtores, podendo os gêneros adaptarem-se em alguns elementos ou estruturarem-se de forma totalmente inédita. Na impossibilidade habitual das interlocuções por meio de cartas, o e-mail configurou-se como uma opção no cenário de suspensão de aulas. Nesse sentido, com algumas características estruturais comuns ao do gênero textual carta, o correio eletrônico foi a opção principal para estimular a escrita dos discentes em ambiente on-line, com o objetivo de ampliar as habilidades de escrita, desenvolvendo também os letramentos digitais, com o aumento do uso de aparelhos digitais, como smartphones e notebooks.

Com o principal objetivo de ampliar a fluência da escrita e leitura nesse segmento, o projeto buscou dinamizar as atividades previstas no formato de ensino remoto com interações via correio eletrônico (e-mail), além da produção coletiva de cartões e marca-páginas, utilizando ferramentas on-line acessíveis e gratuitas aos estudantes. O ponto motivador dessa ação foram trechos da carta de Pero Vaz de Caminha (Barroso, 2017) e do livro “O E-mail de Caminha” (Ribeiro, 2014), e duas correspondências entre o escritor modernista Mário de Andrade e a poetisa varginhense Oneyda Alvarenga (Ionta, 2013).

A estratégia de utilizar um documento conhecido como a carta de Caminha e sua releitura no formato de e-mail, e as correspondências entre uma figura pública da cidade – Oneyda - e um autor mundialmente conhecido – Mário de Andrade -, foi pensada e aplicada para aproximar os estudantes e dessas autorias, naquele contexto de distanciamentos presenciais obrigatórios, a fim de propiciar acolhimento nas atividades remotas, por meio dessas correspondências. O foco na amizade entre os amigos Oneyda e Mário (Alvarenga, 1983), e as releituras da carta de Caminha foram caminhos possíveis para iniciar uma experiência nova a todos os envolvidos naquele momento, como reflete Garcia Rodrigues (2024, p.16) ao dizer que “[...] a correspondência possibilita que diferentes mundos se comuniquem e se intercambiem mutuamente, numa complicada rede de contatos e cumplicidade”.

Assim, com temáticas variadas envolvendo questões sobre a pandemia, como percepções, opiniões e vivências dos estudantes em estado de isolamento, também sobre adaptação ao formato remoto, facilidades e dificuldades de acesso à internet e outros assuntos

que quisessem relatar, os estudantes foram convidados a enviar suas narrativas no formato de gênero correspondência.

Por meio de um endereço de e-mail próprio, as cartas foram enviadas em formato digital e, à medida que as respostas chegavam, construiu-se uma interação a partir da qual foi possível materializar, através da escrita, o que era sentido, percebido e vivido pelos estudantes. E nesse processo, de forma mais livre, sem a preocupação com aspectos avaliativos ou prazos e períodos definidos de envio e entrega, as cartas por e-mail, em respostas ao convite inicial, foram respondidas ao projeto. Conforme Andrade (2010):

[o] uso efetivo das práticas discursivas e a transmissão de seus respectivos modelos ao longo do tempo permitem a manutenção de características básicas, sem que se descartem as possíveis necessidades de adequação aos contextos da época. Na atualidade, a maioria das pessoas passou a redigir e-mails ao invés de cartas, dada a facilidade de sua construção e envio, já que o suporte material (a internet) estabelece vínculos e oportunidades de contato mais rápidos do que o correio tradicional, mas a estrutura composicional é basicamente a mesma da carta pessoal (Andrade, 2010, p. 114).

Observa-se que na perspectiva de enunciador e enunciatário, em ciclo contínuo de interações discursivas, detecta-se o princípio de alteridade (Bakhtin, 2003), ou seja, quem escreve a carta e/ou e-mail, e quem os recebe - neste caso os discentes - unem-se em um ciclo de vínculo e reconhecimento pleno de (re)construir e (re)elaborar sentidos, a partir de seus contextos e, conseqüentemente, também afetando e sendo afetado por esse emaranhado discursivo que se apresenta, ciclicamente. Inseridos todos em situação de isolamento e distanciamento social e físico, no período pandêmico, o espaço para a escrita deu aos envolvidos no projeto, vazão aos sentimentos e impressões sobre o que era visto e sentido naquele momento.

Nas interações junto às leituras das cartas indicadas e comentadas no ensino remoto, esse gesto de materialidade epistolar perpassa e (re)elabora esse ciclo, permitindo que os sentidos emergjam a partir das realidades que os estudantes vivem, sem as aulas presenciais: ratifica a força da correspondência como aproximação e encontro entre os envolvidos e com os personagens/autores dos textos epistolares, seja no registro de suas emoções, seja na projeção de perspectivas e opiniões sobre o que sentem naquele momento. Dessa forma, o registro de si e o encontro de/com outrem, ou o encontro com outrem e o registro de si, nesse espelhamento, em um ciclo contínuo de discursos que se entrelaçam e se (re)fazem, amplia reflexões e aprofundamentos na busca pelo equilíbrio entre o aspecto humano, social e tecnológico que se pauta pelo viés das humanidades digitais, como Rollo (2020) nos apresenta:

Compreendendo sua indispensabilidade e a afirmação como uma prática, um ethos, tão transversal e generalizável quanto possível e necessário, é certo que as humanidades digitais terão de participar na construção e no desenvolvimento dos diversos contextos de sensibilização, consciencialização e formação nesses domínios. Começando pela educação/ formação básica, em que a percepção e a apetência das gerações mais jovens não significam, evidentemente, consciência de

valorização e até respeito intelectual pela herança e pelo patrimônio digital (a que têm acesso natural e facilitado), compreensão formal e utilização de suas potencialidades/possibilidades ou, muito menos, necessidade de sua preservação. É certo, porém, que se está a instalar, de forma cada vez mais ampla, a indispensabilidade de aquisição e formação em matéria de competências digitais, bem como a noção de que as profissões do futuro as exigirão crescentemente (Rollo, 2020, p. 26).

Assim, em resposta ao convite do projeto, foi estabelecido um ciclo de interação virtual com práticas de registro de escrita entre estudantes e organizadores do projeto, a partir do qual foram enviadas por e-mail cartas na estrutura mais comum e conhecida do gênero, como data por extenso, destaque ao destinatário por meio do vocativo e com espaçamento para iniciar a conversa, estruturando o corpus da mensagem com introdução, desenvolvimento e finalização com despedida e destaque ao nome do remetente. A intenção dessa metodologia era que mais impressões e sentimentos sobre o contexto vivido no período descrito previamente pudessem escritas. Pode-se confirmar, conforme a reflexão de Andrade (2010) que,

[s]em dúvida, a carta exhibe e põe em prática a dialética entre a realidade concreta do ato de enunciação; instaura-se a presença de um sujeito real e sua transformação em figura do discurso (enunciador), em um efeito de discurso que se dá na e pela linguagem, e que apenas dentro dela se faz representável (Andrade, 2010, p. 104).

O que foi detectado nessa abordagem do projeto, aqui apresentado, é que as habilidades de escrita podem adaptar-se aos contextos estabelecidos por meio do gênero carta, tradicionalmente conhecido; além disso, essa abordagem pode também confirmar que dificuldades já recorrentes no âmbito das práticas presenciais do escrever na escola, como elaboração de parágrafos e registro de oralidades, são muito recorrentes nos textos digitais dos jovens estudantes.

Na intenção de ampliar e fomentar as ações de escrita nos meios digitais, por meio de aplicativos de mensagens e produção colaborativa, visando a ampliar letramentos, as interações produzidas foram muito significativas e resultaram em reflexões que podem contribuir para melhorias de ações semelhantes ou de outras propostas que deem foco à escrita de jovens alunos de ensino médio, amparando-os em tais dificuldades.

A possibilidade de falar sobre o tema pandemia, apesar da forma remota e sem as interfaces presenciais que as trocas por correspondências tradicionais têm, gerou espaço para que essa atividade do projeto se revelasse muito válida. Nas aulas por ensino remoto, a escola passou a entrar diariamente na casa de cada um dos alunos, por meio de smartphones e computadores, oportunizando a eles a se sentirem conectados, de alguma forma, a ela novamente: da casa dos estudantes ao espaço virtual que o projeto lhes apresentou, ratificou-se uma interação e isso fez da carta, nos meios digitais, um instrumento de escrita e leitura que lhes possibilitou estar juntos outra vez, mesmo com as restrições da pandemia.

Barton e Lee (2015, p. 44) apontam que “vivemos num mundo social textualmente mediado, onde os textos são parte da cola da vida social. Textos são centrais na interação social,

e grande parte da linguagem falada é executada no contexto da linguagem escrita e a leva muito em conta". Ou seja, muitas das dificuldades presentes no registro escrito com papel e caneta, podem ser transferidos aos ambientes digitais (Coscarelli, 2016), o que amplia a análise em torno das habilidades de escrita e leitura que precisam ser, de fato, desenvolvidas e/ou consolidadas com estudantes de ensino médio, dentro da escola. E reforçam que:

[à] medida que as práticas sociais se mudaram para o âmbito on-line, muitos textos em nossa vida contemporânea fizeram o mesmo e assumiram diferentes propriedades. Em primeiro lugar, a materialidade do texto mudou. Uma carta, um romance e um jornal existem numa folha ou num pedaço de papel. Quando passam para a esfera on-line, situam-se numa tela (Barton e Lee, 2015, p. 42).

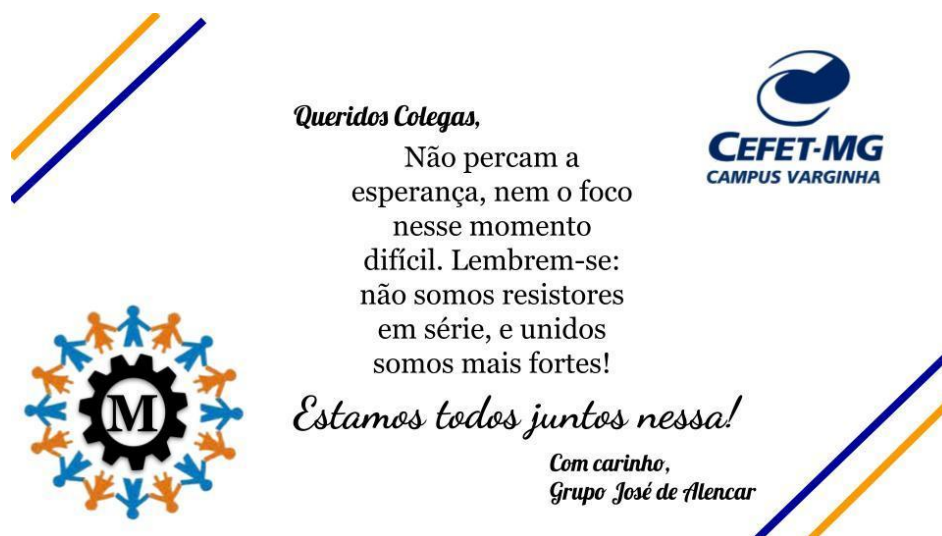
Para Andrade (2010, p. 113), "[c]omo texto destinado ao outro, a carta pessoal faz o escritor tornar-se 'presente' ao seu destinatário..." E fazer-se presente certamente foi algo que o projeto "Entre Cartas..." intencionou criar, assim como criar a expansão de um espaço de interação a estudantes, docentes e demais servidores. O exercício da escrita como fruição, autoria (BNCC, 2018) e até para estratégia terapêutica também pode (e deve) ser possibilitado pela escola, visto que as habilidades se consolidam nas necessidades sociais.

Durante a pandemia, o índice de transtornos de ansiedade e insegurança, por conta dos isolamentos, cresceu muito entre os jovens e a prática de escrita, tanto em situações formais quanto informais, pode ser explorada como benefício à saúde mental, conforme o *Objetivo 3* do documento *Agenda 2030*, no intuito de beneficiar aos que precisam expor ou extravasar emoções, trocas de experiências, em ações de empatia e acolhimentos.

E pela reflexão de Andrade (2010, p. 104), "toda carta pode ser constituída por atos ilocutórios específicos (perguntas, promessas, pedidos, ordens etc.)" e gerar estratégias comunicativas de maneira semelhante ao que ocorre na conversação cotidiana. Com efeito, a carta é uma forma de diálogo, entretanto é sempre um diálogo que tem lugar na ausência de um dos participantes, mas que materializam uma interação: quando o enunciador escreve, seu enunciatário está distante, mas quando este último recebe a carta, ela lhe falará sobre a distância. Nessa perspectiva, ambos os sujeitos jamais estão presentes ao mesmo tempo: a presença real de um somente pode ser acompanhada de reconstrução imaginária do outro, em um tempo e lugar distintos, nunca compartilhados. (Andrade, 2010). E isso foi vivenciado pelos estudantes durante as aulas remotas na pandemia, por meio das correspondências que produziram e compartilharam.

Outro aspecto positivo foi desenvolver, além do e-mail, da produção colaborativa de cartão, conforme em destaque na Figura 1, e marcador de página, exemplificado na Figura 2, os gêneros que circulam pelo universo das correspondências, visando a trabalhar não só aspectos formais e variantes de escrita, como coloquialidade e formalidades textuais, mas também desenvolver os letramentos digitais. Objetivou-se também enfatizar a importância de fomentar práticas de letramento que transitem entre o impresso e o digital, algo que, pelo que se pôde ser visto nesta prática do projeto, já está posto como nova alternativa de trabalhar o texto escrito em diferentes ambientes e formatos, além da caneta e papel na sala de aula (BNCC, 2018).

Figura 1. Produção discente colaborativa de cartão em correspondência on-line



Fonte: acervo do projeto

Figura 2. Produção colaborativa de marcador de página em correspondência on-line



Fonte: acervo do projeto

A mesma preparação e domínio que se tem para a produção escrita no papel, apresentou-se também com as ferramentas digitais e aplicativos que estruturam o texto. Isso não só em ambientes virtuais de aprendizagem, mas também de modo instantâneo e em rede, como nas interações por e-mail e outros aplicativos: à medida que as práticas de escrita manuscrita e digitada, em diferentes contextos, consolidam-se como complementares uma à outra no desenvolvimento das competências e habilidades dos jovens cidadãos, escrever passa a ser algo mais dinâmico e versátil, semelhante ao perfil da geração que dela de apropriada. Sobre isso, Barton e Lee (2015) destacam o fato de que:

LINHA D'ÁGUA

[o] mundo on-line está sendo constantemente escrito, seja na forma de sites de um único autor, de wikis escritos colaborativamente, ou apenas um breve comentário num site de rede social. Ao escrever, as pessoas deixam registros em toda a parte e criam informação que outras pessoas podem usar [...] (Barton e Lee, 2015, p. 43).

Esse contínuo escrito caracteriza também alguns aspectos de linguagem apresentados na maioria das interações e na produção dos cartões: os traços de coloquialidade, com vocabulário típico de cada curso técnico, somaram-se às percepções comuns dos interlocutores sobre o que a pandemia lhes causava. Isso não apenas em aspectos negativos, mas também positivos, confirmando que as situações de escrita, por meio de correspondências - que disseminam aspectos comuns entre seus sujeitos interlocutores - traz materialidade e sentido a todos. Andrade (2010) evidencia que:

Como na conversação natural, a carta pode ser redigida a partir de atos de fala que são mencionados pelo enunciador ou mesmo por personagens destacadas em trechos narrativos que compõem o gênero. Por fim, não escapa ao enunciador (remetente) a preocupação com o uso de uma variante linguística adequada ao contexto e a relação estabelecida com seu interlocutor (destinatário), visando a envolver esse interlocutor e buscando efeitos de sentido [...] (Andrade, 2010, p. 112).

Dessa forma, o processo de escrita, nesta ação do projeto, destacou as cartas em sua mista e completa potencialidade para ações de escrita e leitura para a educação básica, adequando-se às situações emergentes: foi possível reconhecer que tais práticas puderam ser realizadas de forma contínua, em cenário comum a todos naquele momento, com distanciamentos sociais, em que os participantes puderam, além de desenvolver seus repertórios socioculturais por meio das cartas e cartões produzidos, interagir e escrever de diversos lugares e realidades, registrando suas perspectivas em forma de correspondências, ao gerar momentos de encontros e acolhimentos.

2 As rodas de leitura com correspondências

Em continuidade às ações exploradas no projeto, durante a pandemia, a correspondência foi motivadora também para rodas de leitura no retorno às atividades presenciais, em encontros na forma de clube, a partir de cartas em destaque temático nas edições 2022 e 2023. O uso da carta como objeto de leitura proporciona uma nova estratégia nas práticas pedagógicas voltadas à formação literária, pois como uma correspondência, o *Clube de Leitura Entre Cartas* chegava mensalmente aos encontros com os estudantes, com as cartas selecionadas impressas, colocadas em envelopes e dentro de uma caixa, preparando uma atmosfera de curiosidade e expectativa.

A partir de acervo do projeto, que destaca desde autores locais a figuras históricas conhecidas, por meio de suas correspondências, o projeto implementou uma experiência de leitura com as cartas, em forma de rodas de leitura, enfatizando o viés histórico, cultural e literário que tais missivas permitiram junto aos jovens de ensino médio. Nesse cotejo, algumas

correspondências entre o escritor modernista Mário de Andrade e a musicista varginhense Oneyda Alvarenga (Ionta, 2013), foram mantidas, com destaque aos 100 anos da Semana de Arte Moderna, em 2022, e se ampliou o repertório com cartas de Henriqueta Lisboa (Souza, 2010) e Godofredo Rangel (Cassal, 2022) – escritores sul-mineiros correspondentes e amigos de outros grandes escritores, como Mário de Andrade e Monteiro Lobato.

E para celebrar os 200 anos da Independência do Brasil, algumas cartas do imperador Dom Pedro I e suas imperatrizes (Correio IMS, 2022), estiveram em destaque, com a intenção de fomentar momentos de leitura formativa e informativa, ao desenvolver letramentos diversos dos jovens estudantes. Assim, diante desse cenário, a carta, enquanto gênero textual e corpus potente na formação leitora de jovens de ensino médio foi o objeto motivador do *Clube de Leitura Entre Cartas*, com design específico para o projeto, em cores ou em preto e branco, a exemplo do que se apresenta na Figura 3:

Figura 3. Material das Rodas de leitura do clube Entre Cartas

CEFET-MG
UNIDADE
VARGINHA

Clube de Leitura "Entre Cartas..."

Carta de Mário de Andrade à Oneyda Alvarenga

Contextualização

As palavras de Mário revelam o movimento da relação e dinâmica da amizade estabelecidos entre eles, que a princípio falava a linguagem do ensino e da aprendizagem, e agora adota vocabulário de vínculos mais elevados, cujos sentimentos transcendem os indivíduos, em particular. Amigos de fato - pela ausência do vínculo amoroso entre homem e mulher - Mário convida a amiga, mais que aluna, a andar pela vida, juntos:

São Paulo, 25-V-1935

"[...] Ponha sua mão aqui sobre o meu ombro, e vamos nos ajudando a caminhar. Até agora, como professor e aluna, qualquer ajuda, da minha parte era ensino ou proteção, de sua parte era gentileza e respeito. [...] Nós temos que não nos dever favores, mas chegar àquele estado magnífico de amizade em que fazer pelo outro é o mesmo que fazer por si mesmo. A gratidão é horrível, gratidão afasta. [...] Já não é mais você apenas que precisa de mim aquilo que apenas era o meu maior saber e maior experiência. [...] Desejava Oneyda, intensamente que você aceitasse esta amizade que lhe peço. Deixemos o professor e a aluna pras nossas lembranças. Lembranças felizes. Agora me parece que o convívio espiritual a que chegamos exige de nós uma elevação, uma perfeição maior.[...]"

Fonte: ALVARENGA, Oneyda. Cartas: Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga. P. 112. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

Fonte: Ionta, Marilda. "Oneyda Alvarenga e Mário de Andrade". Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. 2013, n. 57, p. 1-31, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn1981-1724.v57n01p001-031>

PROJETO DE EXTENSÃO
DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Edição 2023 - Autorias Sul Mineiras

Fonte: acervo do projeto

LINHA D'ÁGUA

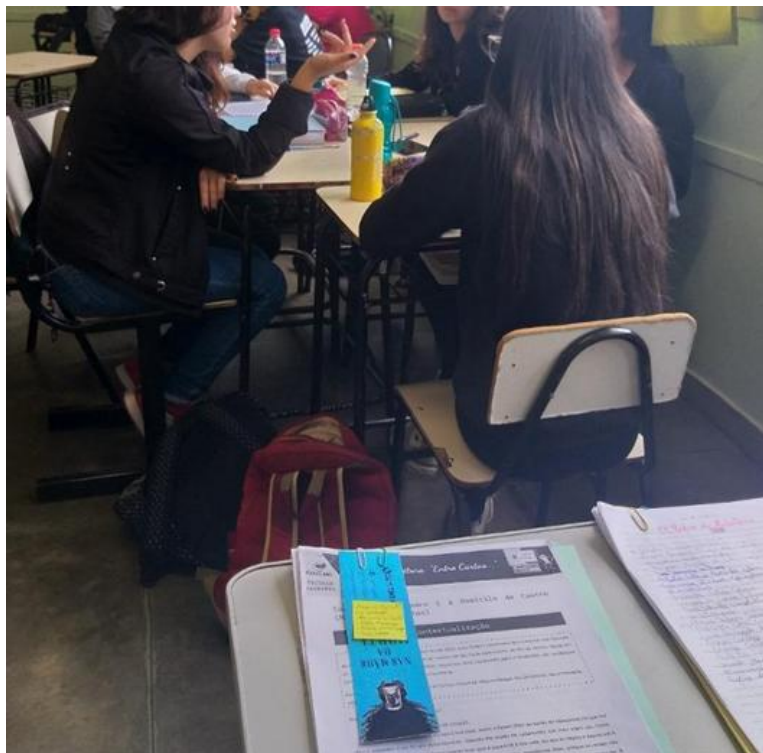
Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

A preparação do material considerou o contexto de produção das missivas, por meio do item “contextualização”, com trechos integrais a serem explorados nas correspondências entre os autores da edição do projeto, e destaque a situações e/ou temas que ampliassem os letramentos discentes. Essa parte do material demarcou também local e época de onde foram extraídos os conteúdos, destacou palavras, expressões e trechos que pudessem desencadear discussões, polêmicas e reflexões comparativas ao momento contemporâneo, fazendo com que os estudantes pudessem aprofundar seus repertórios e análises em torno dos autores, figuras históricas e de si mesmos.

Os arquivos on-line das correspondências, na íntegra, ficavam à disposição dos estudantes para uma leitura prévia, caso quisessem. No dia do encontro mensal, fazia-se um grande círculo com todos, para uma conversa geral a respeito da leitura das missivas elencadas, explorando todos os aspectos que são possíveis, além das temáticas históricas e sociais. A partir disso, formavam-se os grupos menores para uma nova leitura mais específica de trechos marcantes ou polêmicos, ampliando os repertórios e fruição literária. Por fim, novamente em roda com todos os participantes, tem-se a finalização desse momento. Nos encontros presenciais, as cartas eram entregues nos envelopes, para serem abertas, lidas, comentadas e analisadas pelos estudantes, construindo uma mediação por meio das correspondências. O material caracterizado na forma tradicional das cartas despertava o interesse em ser manuseado e lido, além de gerar curiosidade pela experiência de abrir um envelope e ler seu conteúdo, que a maioria dos nascidos digitais não tiveram.

Nessa abordagem, o gênero carta aproximou os jovens leitores dos escritores nacionalmente conhecidos Mário de Andrade e Monteiro Lobato, e dos autores sul mineiros Godofredo Rangel, Henriqueta Lisboa e Oneyda Alvarenga, personagens da cidade e região dos estudantes. Tais figuras históricas como o imperador Pedro I e suas esposas imperatrizes, também puderam ser lidas e estudadas em suas particularidades pessoais, sociais e culturais pelos estudantes, permitindo-lhes: fruição leitora quanto ao estilo da época em que foram escritas; conhecimento e acesso à produção literária do período; intertextualidades com os assuntos contemporâneos presentes em tais correspondências. E tudo isso, problematizados e discutidos pelos jovens discentes, em forma de roda de conversa, como se destaca nas Figuras 4 e 5 a seguir:

Figura 4. Rodas de leitura do clube Entre Cartas



Fonte: acervo do projeto

Figura 5. Rodas de leitura do clube Entre Cartas



Fonte: acervo do projeto

A leitura de correspondências também gerou um ciclo interativo e discurso de compartilhamento de ideias e opiniões, acolhimentos e identificações, ampliando, assim, não só a habilidade leitora, mas também as perspectivas em torno de si, dos autores e figuras históricas e de seus contextos. Como afirma Freire (1989, p. 16) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, lembrando que só há processo verdadeiro de leitura se houver sentido construído pelo leitor e por aquilo que ele lê, não apenas em referência a um texto ou livro, mas a tudo que compõe o seu contexto, e que isso se dá a todo instante, seja em casa, na rua e sobretudo, na escola, e dela, para a vida.

Explorar os instrumentos tecnológicos, também como suportes de leitura, em muito atrai os estudantes e pode-se, com isso, mesclar uso do papel impresso e/ou manuscrito à tela do smartphone, computador ou projetores em salas de aula, visando a ampliar os suportes onde o ato de ler seja executado. Mesmo aqueles que têm um acesso mínimo, podem também não saber como ler, decodificar e compreender os caminhos não-lineares que um processo de leitura em suportes digitais venha a exigir de um jovem leitor, como Coscarelli (2016, p. 62) referencia sobre habilidades de leitura on-line, em que ler e acessar um site também é uma ação leitora e precisa ser orientada e construída. Temos à disposição um mundo digital que, muitas vezes, não é explorado como poderia e/ou deveria, visto que não basta ter acesso aos meios: é imprescindível mediação para que os letramentos (múltiplos ou não) sejam mobilizados, fazendo sentido a quem os exercita, em seus diversos contextos.

Nesse viés, Silva (2011, p. 11) nos aponta que “o leitor que assume o modo de compreensão porta-se diante do texto transformando-o e transformando-se”. Nesse sentido, dá-se o enfoque à possibilidade de ser leitor com smartphone em mãos, com computador ou similar, seja em casa ou na escola, visto que sempre haverá situações para leitores em formação.

Na perspectiva da ampliação dos letramentos, a organização desse material considerou seu público-alvo externo ao contextualizar as correspondências que compuseram esse acervo do projeto, de forma a considerar elementos históricos, culturais, sociais e econômicos, a fim de oferecer informações de diversos campos, contribuindo para a fruição das rodas de leitura (Cosson, 2014). Ao explorar nas cartas os variados aspectos que elas possibilitam, seja como acervo, memória e viés histórico, tem-se uma formação literária em processo e na ampliação de letramentos, ao aproximar figuras históricas e autorias literárias, de um público jovem e em formação.

A carta, pelo seu caráter particular e dialógico, aproxima os estudantes de um universo diferente deles, mas ao mesmo tempo próximo, dada à pessoalidade que o gênero epistolar tem sobre si, como ratifica Andrade (2010, p.113), ao enunciar que “[c]omo texto destinado ao outro, a carta pessoal faz o escritor tornar-se ‘presente’ ao seu destinatário”. E fazer-se presente certamente foi algo que o projeto “Entre Cartas...” intencionou criar por meio de um clube de leitura só com correspondências, visando à expansão de um espaço de interação com e entre os estudantes, em uma formação continuada de educação literária. Nesse sentido, Cosson (2014) contribui ao dizer que:

LINHA D'ÁGUA

As histórias que relatavam como surgiu o mundo, como nasceu o primeiro homem e como ele recebeu o castigo da morte ofereciam identidade grupal, assinalavam normas comportamentais, garantiam transcendência e, acima de tudo, davam sentido à vida. Essas múltiplas funções dos mitos e de outros relatos exemplares serviram de base para a expansão da literatura em diversas manifestações, gerando uma pletora de gêneros inicialmente orais, depois escritos [...] e outros tantos modos de usar a palavra para ser apenas palavra antes ou depois de ser o mundo – o uso que faz essa palavra se tornar literária (Cosson, 2014, p.11).

Desse modo, o *Clube de Leitura Entre Cartas* amplia e preenche essa reconstrução imaginária com a dinâmica que se aplica aos estudantes na forma de leitura coletiva, em círculos, mediada em grupo tanto pelo docente, quanto por eles mesmos. Os participantes trazem para as suas discussões, leituras e reflexões, a presença dos autores das cartas; e com isso, manifestam e assumem a prática do “leitor-navegador” (Chartier, 2009), dinâmico e cíclico, semelhante aos caminhos que se formam nas interfaces digitais que, a todo tempo, estamos a acessar e interagir. Há nesse ciclo de leituras de e por correspondências, a formação de leitores, bem como as percepções do caráter literário nas e das cartas, bem como do protagonismo dos jovens alunos em participarem ativamente dessas interações, ampliando seus repertórios e conhecimentos.

Considerações finais

Em tempos digitais, com a fluidez das informações e dificuldades em formar leitores, o que se percebeu desse recorte do projeto de extensão foi que a correspondência apresentou-se como instrumento mediador importante para movimentar os letramentos discentes, sobretudo o literário, além de desenvolver repertórios históricos e socioculturais dos estudantes a partir dos diversos contextos e temáticas apresentados e lidos nas correspondências: o gênero carta, nesse sentido, tem potencial para isso, como Andrade (2010, p. 112) nos lembra ao apresentar a carta “como instrumento didático pedagógico para o exercício da competência textual de alunos do ensino médio durante as aulas”.

Essas contribuições, neste recorte aqui apresentado, permitem-nos novas reflexões acerca do digital, do manuscrito, seus usos e finalidades dentro e fora do contexto escolar, bem como da nossa prática em sala de aula para promover atividades de escrita com os adolescentes, sobretudo na situação de confinamento que foi vivenciada na pandemia: o texto escrito, da forma como se trabalha na escola, até então, já não pode ser considerado sob o mesmo ponto de vista, uma vez que os cenários são outros.

Diante do exposto, considerar a realidade sociocultural desses estudantes, proporcionando-lhes mais opções para transitar entre o digital e o manuscrito pode diminuir a resistência deles para o ato da escrita e da leitura, em suas distintas e importantes fases, ampliando oportunidades de engajamento, de promoção dos letramentos e, principalmente, estimulando o prazer por escrever e revisar seus textos.

Cabe, pois, registrar que muitas metodologias para trabalhar com a escrita e leitura, em diferentes ambientes, surgem e se estabelecem com sucesso, sendo validadas no exercício diário do acerto e erro, até que se cheguem ao modelo ideal de ações que possam suprir necessidades de contextos gerais ou mais específicos, como afirma Rollo (2020):

Assume-se que as humanidades digitais, para além da evidente utilização de ferramentas digitais na área científica das humanidades e da adoção da componente do digital como objeto de investigação, podem/devem desempenhar funções relevantes em vários domínios, tomando-os como contribuição/responsabilidade perante a comunidade acadêmica/científica e a sociedade em geral (Rollo, 2020, p. 21).

As ações do *Clube de Leitura Entre Cartas* aprimoram-se a cada encontro mensal, visando a atingir melhor a formação de seus jovens cidadãos leitores: E no caso da realidade dos discentes do CEFET-MG, unidade Varginha e da Escola Estadual Pedro de Alcântara – protagonistas dessas abordagens - também há muito a se pensar e se (re)elaborar sobre desenvolvimento de escrita e formação leitora, até que se chegue ao modelo ideal de ações que possam suprir necessidades gerais ou mais específicas. Porém, até aqui, o gênero carta proporcionou oportunidades de trabalho tanto nessa perspectiva do fazer pedagógico, quanto do fazer linguístico, ambos inerentes ao cotidiano escolar dos estudantes e docentes, o que denota, portanto, um caminho enriquecedor a ser empreendido com mais trocas de experiências e novas correspondências a fazerem parte dos acervos e oportunidades do projeto.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos à Diretoria Geral de Extensão e Desenvolvimento Comunitário do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, pelo apoio e formalização das ações previstas, como projeto de extensão no formato online e presencial, por meio dos fomentos aprovados nos editais internos do CEFET-MG (PJ013, edital 21, de 14/02/2020; PJ044, edital 102, de 17/09/21; PJ057, edital 168, de 01/09/2022; e PJ033, edital 577, de 01/09/23); e também à E.E. Pedro de Alcântara, pelo aceite às parcerias no projeto, ao longo de todo esse período.

Referências

- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. A arte de escrever cartas e sua aplicação nas práticas escolares. *Linha D'Água*, n. spe, p. 97–117, 2010. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0ispep97-117>.
- ALVARENGA, Oneyda. *Cartas: Mário de Andrade e Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BNCC. *Base Nacional Comum Curricular Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

LINHA D'ÁGUA

- BARROSO, Ivo. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2017.
- CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2002.
- CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. São Paulo: Record, p. 255-287, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. *A era das cartas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- CORREIO IMS. *Cartas de imperadores e imperatrizes*. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/?s=am%C3%A9lia>. Acesso em: 01 de set.de 2022.
- COSCARELLI, Carla. Navegar e ler na rota do aprender. In: COSCARELLI, Carla (org.). *Tecnologias para aprender*. Coleção Linguagens e Tecnologias 3. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 61-80.
- COSSON, Rildo. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo 4. São Paulo, Cortez Editora: 1989.
- GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GARCIA RODRIGUES, Leandro. *Cartas que falam – ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2024.
- IONTA, Marilda. *Oneyda Alvarenga escreve a Mário de Andrade*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n.57, p. 161-180, 2013.
- MARTÍN BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- ODS BRASIL. *Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/home/agenda>. Acesso em: 29 de abr. de 2024.
- PEREIRA, Maria do Rosário Alves. *Mário de Andrade e os mineiros: a carta como exercício crítico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.
- RIBEIRO, Ana Elisa. *O E-mail de Caminha*. Belo Horizonte: RHJ, 2014.
- RODRIGUES, Sérgio. *Cartas Brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. 1a ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- ROLLO, Maria Fernanda. *Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa Memória para Todos*. Revista Estudos Históricos, v. 33, n. 69, p. 19-44, 2020.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 11. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Correspondência Mário de Andrade e Henriqueta Lisboa*. Volume 3. São Paulo, Peirópolis- Edusp: 2010.
- TOLENTINO, Luana. *Outra educação é possível. Feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- USHER, Shaun. *Cartas Extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, reimpr. 2017.